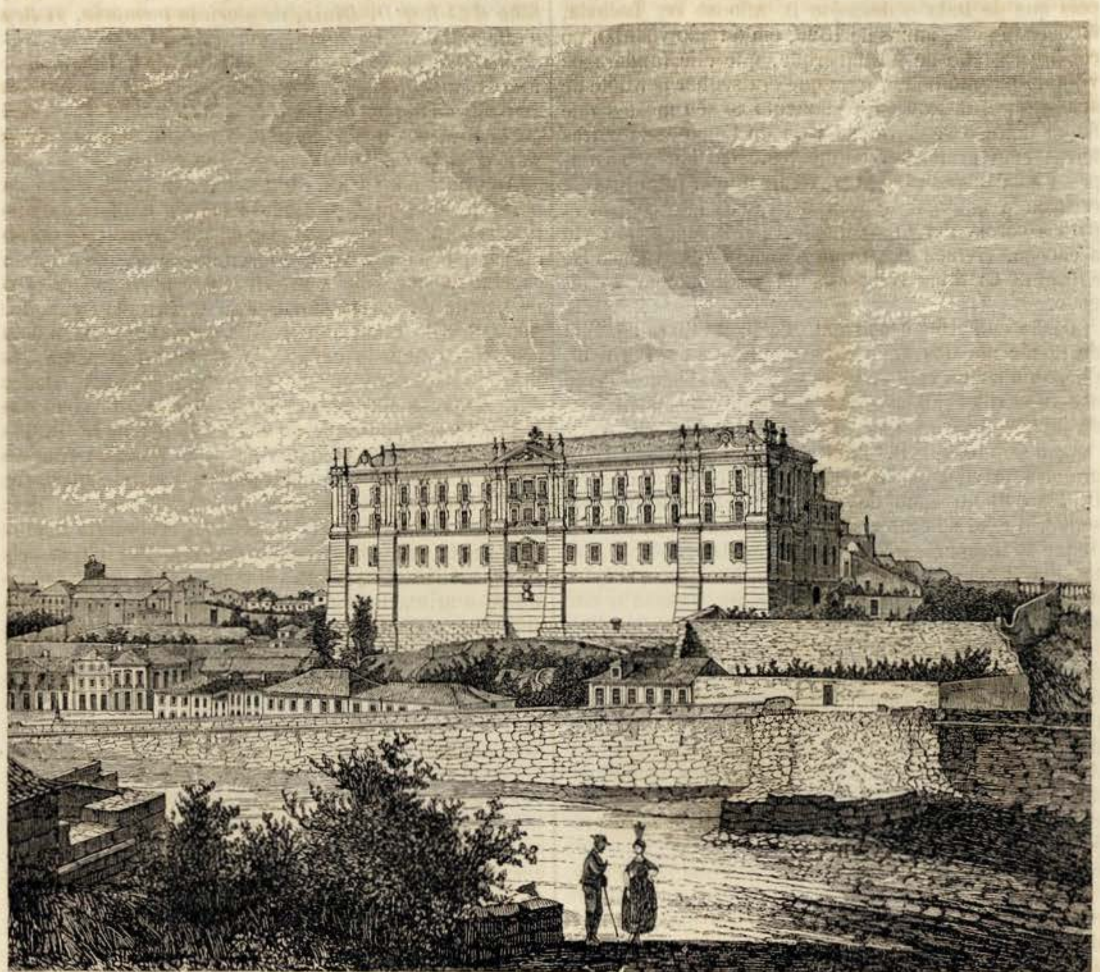


Convento de Santa Clara de villa do Conde

De tódos os filhos naturaes del-rei D. Diniz, foi Affonso Sanches o mais favorecido do amor paternal. Viu-se em vida de seu pae elevado a cargos, e cumulado de honras e de riquezas. Porém estas felicidades, como ordinariamente succede no mundo, foram acompanhadas e seguidas de muitos desgostos e perseguições.

Os favores e mostras de affecto que recebia del-rei, accenderam no animo do infante D. Affonso, seu irmão e herdeiro da coroa, esse entranhado ciume e mordente inveja que, por fim, lhe armaram o braço parricida com que assolou o reino, cobrindo-o de todos os horrores da guerra civil. [1]

D. Affonso Sanches, quando sentiu rugír a tempestade, que não tardou a rebentar sobre sua cabeça, ameaçando-o com a perda da vida no proprio reinado de seu pae, pensou em prevenir-se contra as maquinações do infante.

Segundo os costumes da epocha, a melhor, a verdadeira prevenção contra o odio dos mais poderosos, era o abrigo de uma fortaleza. Posto que o feudalismo em Portugal foi apenas uma sombra do que era em França e n'outros paizes, ainda assim houve exemplos d'essas luctas rancorosas e de exterminio entre os nossos fidalgos, em que não eram raros os casos de cerco e assalto aos seus castellos.

Projectou D. Affonso Sanches edificar um castello forte, onde elle e sua familia se podessem julgar em segurança. Escolheu para assento d'esta fortaleza villa do Conde, de que era senhor por doação del-rei D. Diniz, seu pae. Porém quando tratava de lhe dar principio, sonhou n'uma noite que a obra crescia rapidamente, mas com a escada dirigida para o ceo. Um sonho d'estes, n'aquellas eras de crenças vivas, não podia deixar de ser interpretado como um signal evidente dos desejos que Deus tinha de ver erigir-se n'aquelle sitio em logar de castello uma casa de oração.

D. Affonso Sanches não hesitou; vendo no sonho uma revelação da vontade divina, poz a sua defensa nas mãos do Omnipotente, e em vez de fortaleza fundou um convento.

Teve começo esta fundação em principios de 1318, e n'esse mesmo anno, estando já habitavel uma parte do convento, fez entrega d'elle ás religiosas franciscanas da regra de Santa Clara, doando-lhe ao mesmo tempo avultados bens para o exercicio e esplendor do culto, e para sustento das freiras.

Por morte del-rei D. Diniz, seu filho D. Affonso IV, subindo ao throno, não se esqueceu dos seus odios de infante. Affonso Sanches, que por duas vezes se livrára da morte urdida por seu irmão, uma perante a justiça, accusando-o o infante de ter querido envenenal-o, e a outra no meio de uma cilada que lhe preparára com gente armada para o assassinar, foi obrigado a final a buscar asylo em Castella para escapar de ser degolado em publico cadafalso, como aconteceu a seu irmão João Affonso, tambem filho bastardo del-rei D. Diniz, no dia 4 de junho do anno 1325, primeiro do reinado de D. Affonso IV.

Salvou D. Affonso Sanches a existencia, e a de sua mulher e filhos, que levou comsigo, porém perdeu

[1] Vid. pag. 348 do vol. V.

todas as honras e bens que possuia em Portugal, pois que de tudo o despojou D. Affonso IV. Todavia, fallecendo pelos annos de 1329, em o reino visinho, no celebre castello de Albuquerque, que elle fundára na villa do mesmo nome, e de que era senhor por dote de sua mulher, deixou em testamento ao seu mosteiro de Santa Clara o senhorio de villa do Conde e de outras terras com grandes rendimentos. Não foi logo cumprida esta disposição, provavelmente porque el-rei se recusou a entregar ás freiras os bens que confiscára para a coroa. Porém ao diante, não sabemos ao certo a epocha, cremos que foi no reinado de D. Affonso IV, entraram as ditas religiosas na posse ampla do legado.

Desde então foi o convento de Santa Clara de villa do Conde um dos mais ricos que houve em Portugal. Chegou a contar cento e vinte freiras. A abbadessa com o seu ouvidor julgava as appellações das sentenças do juiz, e usufruia todos os direitos reaes.

Começou el-rei D. Duarte a contestar-lhes estes grandes privilegios, e acabou por lh'os tirar el-rei D. João III no anno de 1537, fazendo doação d'este senhorio e jurisdicção a seu irmão o infante D. Duarte, duque de Guimarães. Pelo casamento da senhora D. Catharina, filha d'este infante, com D. João, primeiro do nome e sexto duque de Bragança, passou o dito senhorio para a real casa de Bragança.

Não ficaram as freiras lesadas sómente com a perda d'esses privilegios e regalias, pois que tambem perderam de envolta com elles algumas rendas importantes. Mas, apesar d'isso, a tanto subia a totalidade dos seus rendimentos, que, estando o convento muito damnificado, e ameaçando de cair em ruinas, emprehenderam no seculo passado reedifical-o sumptuosamente á custa do seu cofre. Não se levou a cabo a obra projectada, porém o que chegou a concluir-se constitue o mais sumptuoso convento de freiras que ha no paiz.

Consistindo a principal parte dos rendimentos do convento em dizimos, ficaram aquelles muito reduzidos pela extincção d'estes em 1834. Presentemente encerra umas trinta religiosas.

Levanta-se em sitio alto, sobranceiro á villa, e com tão senhoril aspecto que, se não fôra as grades das janellas denotando clausura, poderia ser tomado por um palacio real; taes são a grandeza do edificio, a nobreza, symetria e boas proporções de cada uma de suas partes, e o proprio estilo e ornamentação da fachada principal.

Esta fachada é a que a nossa gravura mostra. Está voltada para o lado do Oceano, cuja superficie se lhe patentêa em dilatadissimo horisonte. Avulta na estampa tão desassombradamente, que nos parece superflua a descripção.

Abastece de agua o convento e a sua cerca, um aqueducto que vem correndo sobre elegante arcaria por longa extensão de terreno. É um bello aqueducto, que póde fazer inveja a muitas grandes cidades, que o não tem egual para seu abastecimento. Compõe-se de novecentos e tantos arcos, e foi feito sob o governo intruso de Filippe II de Hespanha, e pelo risco do architecto Filippe Tercio, mas a expensas das freiras.

A egreja apresenta differentes estilos de architectura. Em algumas partes ainda conserva vestigios da fundação primitiva. N'outras tem obra da reconstrucção feita no primeiro quartel do seculo XVI. O resto pertence á reedificação emprehendida conjunctamente com a do convento no seculo passado. Interiormente acha-se bem decorada e conservada com muito aceio, e possue ricas alfaias e paramentos.

Em uma capella do corpo da egreja jaz o fundador com sua mulher em um magnifico tumulo de pedra, todo lavrado com muita variedade de relevos. Lê-se na capella a seguinte inscripção: *Em esta Capella jazem o muito esclarecido Principe D. Affonso Sanches, filho d'El-Rey D. Diniz, de gloriosa memoria, VI Rey d'este reino de Portugal, com a muito excellente Madama D. Tareja Martins, neta d'El-Rey D. Sancho, Fundadores desta Sancta Casa, a qual mandou fazer para elles a muito virtuosa Senhora D. Isabel de Castro, primeira Abbadessa da Observancia desta sancta Casa em* 1526.

Anteriormente a esta era achava-se o mausoleo da parte de fóra, mas contiguo á egreja, conforme o antigo uso. A abbadessa D. Isabel de Castro recolheu-o no templo sem o tirar do seu logar, construindo a capella de que falla a inscripção, e abrindo um arco na parede da egreja para servir de entrada á capella. Aos lados do tumulo de D. Affonso Sanches estão dois sepulchros mais pequenos, nos quaes jazem dois filhos d'este principe, que morreram de tenra edade.

D. Theresa Martins era filha de D. João Affonso de Menezes, creado conde de Barcellos por el-rei D. Diniz, e senhor de Albuquerque e de outras terras de Castella, onde foi mordomo-mór del-rei D. Sancho IV. Casou em primeiras nupcias com D. Theresa Sanches, filha natural do dito rei D. Sancho IV; porém a mulher de D. Affonso Sanches não era filha d'este primeiro matrimonio, como erradamente o inculca a inscripção acima referida, fundada na opinião de alguns auctores genealogicos, mas sim do segundo consorcio do conde D. João Affonso de Menezes com D. Maria Cornel. Do primeiro matrimonio não teve successão. Esta senhora, enviuvando, passou a segundas nupcias com D. Pedro Affonso, filho illegitimo del-rei D. Diniz, o qual succedeu a D. João Affonso de Menezes no condado de Barcellos, e foi o auctor do *Nobiliario* chamado do conde de Barcellos.

Foi este condado o primeiro creado pelos nossos reis, e não o de Arrayolos, como se acha escripto em algumas obras.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O DOUTOR

(Conclusão. Vid. pag. 314)

V

Quando nos achámos sós em presença um do outro, elle encostou-se á mesa sustendo a cabeça n'uma das mãos, e ficou por muito tempo silencioso, n'uma attitude de cançaço. Olhava-o eu com tristeza, e, medindo o abysmo em que se deixára cair, não podia livrar-me de um quasi desdenhoso sentimento de dó. Accusava-o, sem querer, de haver cedido na lucta gloriosa que emprehendêra, e ter preferido ás angustias poeticas da pobreza, isso a que no mundo chamam *uma posição lucrativa e honrosa.*

Como se adivinhára o que se passava em mim:

— Devo parecer-te singularmente desgraçado, me disse em fim. Quantas vezes tenho chorado eu proprio a minha quéda! Todavia, Deus me julgará; tenho fé na sua justiça e na sua bondade. É simples a minha historia; vou contar-t'a em duas palavras. A minha familia foi sempre pobre, e eu sempre percebi que havia de ser um dia o seu unico auxilio. Foi n'esse proposito que meus paes me mandaram educar. Por opinião de si ou por ternura, sangraram-se em saude, como nós dizemos, fizeram sacrificios, e faltou tudo a minhas irmãs para nada me faltar a mim. Bem sabes que estrella fatal me levou a atraiçoar as esperanças que haviam depositado em mim, e sabes tambem que não me decidi a isso por leviandade. Combati minhas predilecções e instinctos por muito tempo; quando lhes cedi, para não dizer que não ao Real, accusei-me amargamente de dispor contra a vontade

de meus paes, de um destino que me não pertencia. No entanto dizia entre mim, que no nosso tempo a gloria e a fortuna vão de mãos dadas, e a consciencia de poder um dia enriquecer a minha familia, fazia-me perseverar no caminho novo em que entrára. Luctei e soffri. Defendi-me cruelmente das perseguições da miseria; caminhei carregado de censuras e de maldições; minhas irmãs mais velhas chamavam-me mau filho, minha mãe chamava-me mau irmão, minha irmã pequena mandava-me ás escondidas as suas economiasinhas, e meu pae ás vezes juntava a estas as d'elle, porque morria por mim. Escutava uma mysteriosa voz que me dizia: «Anda!» e ia andando, com os pés magoados e o coração a verter sangue; mas, quando queria parar, «Anda!» dizia-me a voz fatal. Punha-me de novo a caminho, e andava!

— Ó minha agua-furtada! encantos da arte! alegria do trabalho! festas da solidão! pobreza! liberdade! allucinações da gloria! Um dia em fim, um dia a ladeira por onde eu trepava tornou-se-me mais suave; em redor de mim passou um pé de vento que varreu o ceo, e do alto do monte aonde eu subíra, avistei a terra da promissão. Ignorado das turbas, o meu nome não era já desconhecido aos artistas. Em casa de Real executava-se a minha musica, e sentia-me acariciado pelo primeiro sopro da celebridade, similhante ás brisas que precedem e annunciam o erguer da aurora. Real tinha confiança no meu talento, e eu mesmo, perdoe-me Deus este grito ultimo de um orgulho que não tem sido pouco castigado, entrevia ainda que, n'um futuro longinquo, encontraria o premio dos meus esforços; a realidade matou-me. Morreu meu pae; dor eterna! morreu, e não assisti á sua hora extrema. Não poderam ver-me os seus olhos quasi a fecharem-se para nunca mais se abrirem; não poderam ver-me ajoelhado ao pé do seu leito; não recebi o seu adeus derradeiro, nem caíram as minhas lagrimas nas suas mãos geladas. Terno e nobre coração! alma adoravel! natureza de todo o ponto excellente! Se teu pae ainda vive, meu amigo, não incumbas ao futuro emendar os descuidos e esquecimentos triviaes nos affectos humanos, de que não são isemptos os mais santos e mais sagrados. Dá-te pressa em o amares, porque não ha coisa mais incerta do que o porvir com que a gente conta para reparação de passados erros e resgate de ternura. Depois vem o remorso e a desesperação de não poder pagar uma divida de affecto senão sobre um tumulo. De principio senti unicamente a horrivel perda: quando vi claramente através de minhas lagrimas, fiquei atterrado pela immensidade do desastre. A morte de meu pae não deixava a minha mãe e minhas irmãs nenhuma especie de recursos. O ordenado que elle ganhava em vida mal chegava para as necessidades da sua familia. O dinheiro que conseguíra pôr de parte, a poder de economia e de privação, fôra absorvido pela minha educação e mesadas.

Minha mãe cega, e minhas tres irmãs costumadas a viver n'uma mediocridade decente, encontravam-se pois reduzidas á miseria. Examinei friamente a minha posição. Principiava, é certo, a entrever o fim a que se dirigiam os meus esforços, mas sentia-me ainda longe d'elle. Não basta arrancar ao trabalho o segredo do talento, o caso está principalmente em triumphar. E não ha na nossa terra glorias definitivas; é preciso triumphar hoje, e ámanhã mais, e depois mais ainda, e sempre cada vez mais. Já não era para mim senão uma questão de tempo, mas o que não podia era esperar. Não te soprendem por certo os innumeraveis embaraços que a nossa arte precisa vencer antes de chegar até ao publico. Escriptor ou poeta poderia tentar a sorte: musico estava perdido. Ninguem saberá jámais, só Deus viu! o que se passou dentro em mim n'essa epocha da minha vida; é o que me dá esperança na sua justiça e bondade. Minha mãe e minhas irmãs estavam quasi a gritar com fome; tomei de subito a minha resolução. Renunciei ao jogo do azar que se chama gloria. Vendi as minhas musicas todas, e mandei o dinheiro para a familia; regulei a minha vida, e sem dizer nada a ninguem, parti uma manhã pelo vapor do Barreiro, e vim por ahi fóra a pé até aqui. Já não era o Vasco a quem conheceste annos antes: esse, a si proprio se sacrificára na vespera no altar dos seus deveres.

— Facilmente, proseguiu Vasco, adivinharás o resto. Formára-me na universidade, e encontrei aqui um homem que se queria desembaraçar da filha, do escriptorio e do predio: casei-lhe com o predio, com o escriptorio, e com a filha. Assim se consummou o sacrificio. O que soffri bem poderás suppor. O principio foi penoso, luctei com todos e mal intencionados. Fatigaram-me de desgostos, de ultrajes e amarguras. Accrescenta a isto as semsaborias de uma profissão pela qual é quasi impossivel enriquecer sem ficar pobre de alma e de probidade. Ninguem saberá n'este mundo o que soffri. O gosto que tinha pela musica fez com que se desconfiasse da minha aptidão para as questões sérias: a rebeca perdeu-me o credito; tive de renunciar a similhante prenda. Os meus collegas, a peior das raças, espalharam que eu estava doido; vi fugirem-me os clientes, e tive immenso trabalho para de novo os chamar a mim. Uma noite em que fui a uma reunião com minha mulher e minhas irmãs, faltou o acompanhador, e pediram-me para o substituir. Resignei-me de cara alegre, e mandei a casa buscar a rebeca. Toquei primeiro aquella walsa de que vossês gostavam muito. *O ultimo pensamento de Weber*. Tudo ia bem nos primeiros instantes, mas não sei por que fatal encanto cheguei a esquecer-me do baile e da gente que me rodeava. Sem fazer reparo, demorei mais o compasso e puz-me a tocar como outr'ora no meu quarto, quando eu te possuia por complice e por espectador. Ao passo que tocava, todas essas reminiscencias me acordavam no peito, mas tristes e melancolicas, e eu sentia o rósto inundado de lagrimas. Caí em mim de repente; os grupos de walsistas estavam immoveis e olhavam para mim pasmados; os malevolos riam por baixo da capa, os tolos punham-se com dó de mim, minha mulher desmaiára, e meu sogro atirava-me cada olhar de querer passar-me de lado a lado. O administrador declarou-me que eu estava desafinando; a mulher do administrador fallou sériamente de me mandar pôr fóra. Quem poderia dizer quanta energia me foi precisa para erguer-me de novo, depois de tal quéda, na opinião de Montemór? Até me parece que esse tempo de rehabilitação ainda está durando. Cumprirei a minha missão até ao fim; em se fazendo firmeza no dever, a vontade é uma alavanca, que não póde erguer montanhas, mas afastal-as sem que nos esmaguem. Não penses todavia, que quero mostrar-me a teus olhos como um heroe de resignação; não me dou ares de martyr. Tenho centos de vezes rebelliões secretas, e só me vale ter compensações tambem. A minha familia é menos cruel e mais indulgente do que poderias pensar: caíste aqui em mau dia. Minha mãe está quisilenta de genio pela edade e pela doença, mas estima-me muito. Minhas irmãs mais velhas viram a sua mocidade murchar no celibato: devem-lhe ser perdoados os momentos de má catadura. Minha mulher não me entende; mas a culpa é mais da sua educação que dos seus instinctos. Meu sogro, de vez em quando, tem seus pedaços bons á mesa. Minha irmã Maria, a mais nova, é a minha alegria, a minha consolação, o meu anjo tutelar. Somos irmão e irmã menos pelo sangue que pelo coração. Ella é louca por musica, e morre por cantar. Á noite quando tudo dorme, levantâmo-nos devagarinho e vamos para a casa mais retirada; pego eu na rebeca, ella canta,

e assim fazemos concertos, sempre com cuidado, já se vê, de não acordar ninguem. Uma vez por semana, a certas horas ajustamo-nos e vamos para o campo; cada um safa-se por seu lado: encontramo-nos atraz de uma sebe, e vamos por alli fóra conversando de artes, de poesia e muitas vezes de meu pae que era muito nosso amigo. Estimamo-nos como dois bons filhos de Deus; o ciume de minha mulher, que nos espreita como dois namorados, dá á nossa ternura maior encanto. Ahi tens a minha vida; soffro, e bemdigo o ceo que atirou um raio de sol para entre os muros da minha prisão, uma flor para entre as grades da minha janella!

Assim fallou Vasco.

Que mais acrescentarei a esta simples narrativa? Parti no dia immediato; e, para terminar como principiei, queiram dizer-me agora, se lhes parece que a historia tenha em seus fastos muitos heroes que valham este pobre doutor de provincia?

Julio Cesar Machado.

PALACIO DO REI DE SIÃO

No anno de 1518 levantava Duarte Coelho, na capital do reino de Sião, que n'aquelle tempo era a cidade de Hodia, um padrão com as quinas portuguezas, em signal do tratado de paz e commercio que el-rei D. Manuel firmára com aquelle potentado.

Devem-se ao grande Affonso de Albuquerque as primeiras relações que os europeus tiveram com o reino de Sião. Tendo o nosso valoroso conquistador expugnado a cidade de Malaca, em 1511, mandou logo embaixadores para differentes partes d'aquelle remoto Oriente, destinando para Sião Duarte Fernandes com ricos presentes para o rei, que os acceitou, e retribuiu com outros muito mais avantajados, e uma carta para el-rei de Portugal. D'ahi por diante começaram as nossas relações com aquelle reino, de que fallam largamente os nossos historiadores da Asia, e nomeadamente Fernão Mendes Pinto nas suas *Peregrinações*.

Por serem porém mais conformes ás dos modernos viajantes as noticias do reino de Sião que dá João de Barros na *Decada* 3. 2. 1., as extractaremos aqui.

«Geralmente esta gente siamez é mui religiosa e amiga da veneração de Deus, porque lhe edificam muitos, mui grandes e magnificos templos, uns d'elles de pedra e cal, e outros de tijolo e cal; nos quaes tem muitos idolos de figuras de homens, que elles dizem estar no ceo, porque viveram bem na terra, e que tem suas imagens para lembrança, mas não que as adorem.

Entre estes tem um de barro, que jaz dormindo encostado sobre umas almofadas do mesmo barro, o qual será de cincoenta passos de comprido, a que elles chamam *pae dos homens*, e dizem que Deus o mandou do ceo, e não foi creado na terra, e que d'elle nasceram alguns homens que foram martyrisados por Deus. E a maior figura d'estas que tem de metal, entre outras muitas, é uma que está em um templo da cidade Socotay, que elles dizem ser a mais antiga do reino, o qual idolo é de oitenta palmos, e d'aqui para baixo até á estatura de homem tem grande numero d'elles.

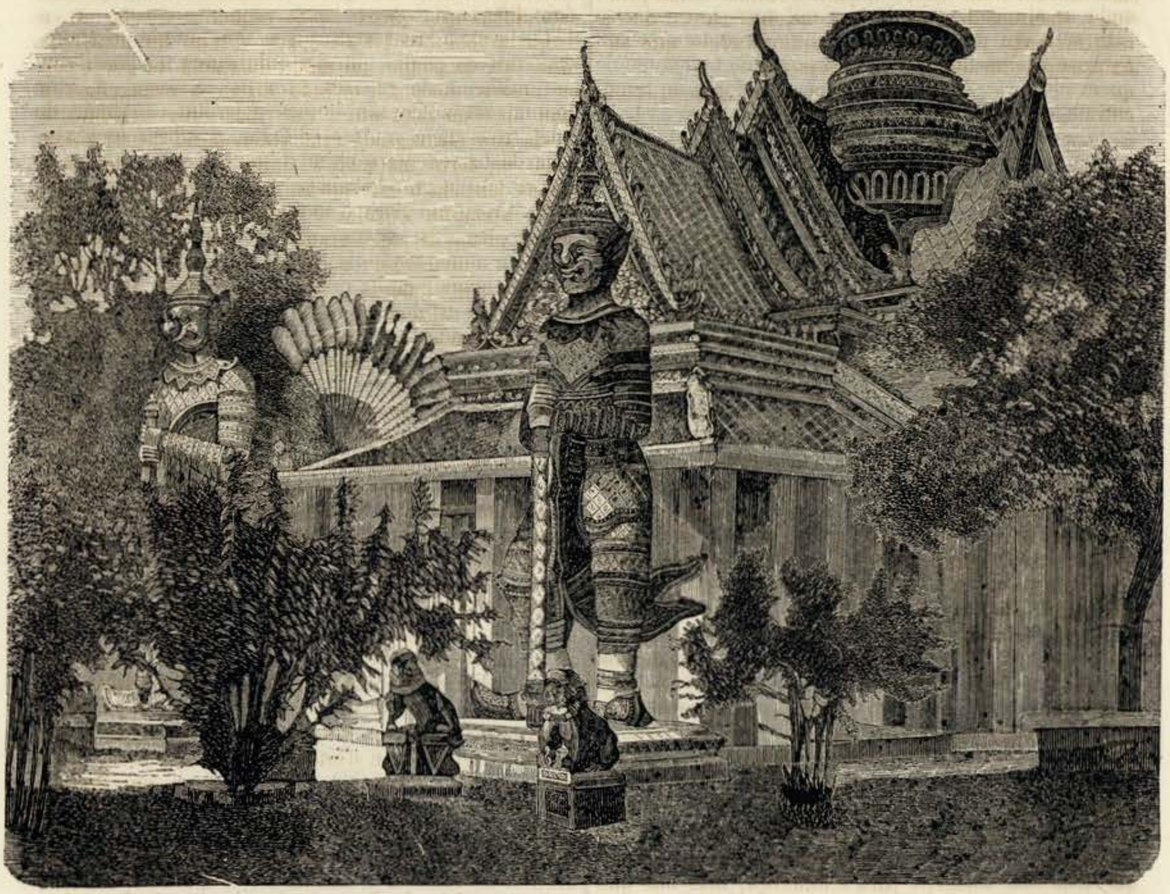
Os templos são grandes e sumptuosos, e n'isto dispendem os reis muito, e todo o rei como herda o reino, em louvor de Deus logo começa um templo, e alguns fazem dois e tres, aos quaes dotam grandes rendas. Todos estes templos como são grandes, logo lhes fazem uns pyrames mui altissimos, isto tanto por ser figura dedicada a Deus, como por ornamento do templo, ao modo que se cá fazem os coruchéos, porém são de pedra ou de tijolo; do meio para cima doirados de oiro de pão sobre betume, que dura pouco tempo, e para baixo é todo pintado de côres, e no remate d'elle, assim como nós pomos grimpa, põem elles uma maneira de sombreiro, e em roda da aba muitas campainhas, assim leves em seu movimento que com qualquer ar que lhes dá tangem. Os sacerdotes d'estes templos são mui venerados, e elles em seu modo religiosos, e tão honestos que dentro nas officinas de suas casas não póde entrar mulher, nem querem ter gallinhas por serem femeas; e se algum é comprehendido em coisa de mulher, logo é punido, e lançado fóra da casa. Seu habito é de panno de algodão, e de côr amarella, porque o amarello, por a similhança que tem com o oiro, é dedicado a Deus; e é tão comprido que lhe chega até aos artelhos, ao modo do habito dos nossos religiosos. Sómente tem esta differença, que o braço esquerdo trazem nú, e d'aquelle hombro para a parte direita lhe atravéssa uma tira de panno, ao modo da estola de que usam os nossos diaconos quando dizem o evangelho; a qual apertam com outra que lhes cinge o habito, e n'esta tira atravessada está a denotação de religioso, como na terra Malabar a linha vermelha dos bramanes lançada a este modo. Trazem por voto de religião andarem rapados e descalços, e na mão um grande abano de papel grande, da figura de uma adarga, com que cobrem a cabeça do sol, e amparam o rosto da gente quando perpassam por elles, e no tempo das chuvas trazem capellos na cabeça. São homens mui temperados no comer e beber; e se algum beber vinho, é entre elles tão grande peccado que o apedrejam por isso.

Tem muitos jejuns por todo o anno, principalmente em um tempo em que geralmente todo o povo concorre aos templos a ouvir sermões, ao modo que n'estas partes da christandade se costuma nas quadragesimas. Tem algumas festas principaes, e todas são no principio da lua nova, ou quando está cheia; e o rezar d'elles é em coro de dia e de noite, a certas horas.

N'estes sacerdotes está toda a doutrina, porque não sómente estudam nas coisas de sua religião, mas ainda na revolução do ceo e dos planetas, e nas coisas da philosophia natural. Tem que o mundo teve principio, que houve diluvio geral, e que o termo da duração do mundo é de oito mil annos, de que já são passados seis mil; e d'isto davam alguns razão ser o anno de mil quinhentos e quarenta, a um Domingos de Seixas, de que atraz fizemos menção, que lhe perguntava por estas coisas. Dizem que o fim do mundo ha de ser por fogo, e que n'este tempo se abrirão no ceo sete olhos de sol, e que cada um successivamente seccará uma coisa, até que aos cinco seccará o mar, e que nos dois ultimos se queimará toda a terra, na cinza da qual ficarão dois ovos, macho e femea, de que novamente se produzirão todas as coisas de que o mundo se tornará a reformar. E que não haverá n'elle mar de agua salgada, senão rios que reguem a terra, a qual será muito fertil, e dará seus fructos sem trabalho dos homens, com que elles vivirão a seu prazer perpetuamente. Fazem o anno de doze mezes, e começam o seu anno na primeira lua de novembro; e a causa é, porque entre elles n'este tempo começa o verão, e os rios mettidos na madre trazem suas aguas claras. E como ácerca de nós a cada um dos mezes attribuimos um signo do zodiaco, notado por uma figura de animal, assim elles denotam os seus por estas: ao primeiro, que é novembro, dão a figura de *rato;* a dezembro, *vacca;* a janeiro, *tigre;* a fevereiro, *lebre;* a março, *cobra grande;* a abril, *cobra pequena;* a maio, *cavallo;* a junho, *cabra;* a julho, *bogio;* a agosto *gallinha;* a setembro, *cão;* a outubro, *porco.*

São grandes astrologos, e não movem um pé sem

eleição de tempo; e posto que sigam as horas do sol, não tem relogios de sombra, e para o decurso do dia e da noite sómente nas casas del-rei ha relogio de agua, que de dia e de noite se vigia; e ao tempo das horas dão tantas pancadas em um atabaque, que se ouve por toda a cidade; e a tempera está calculada pelo ascendente do sol. E com esta astronomia e astrologia de que usam, tambem misturam outras artes que d'ella dependem, como geomancia, pyromancia, e mil modos de feiticeria, e esta por doutrina de gente quelin da costa Coromandel, a qual por esta causa é mui estimada n'aquelle reino, e vem a elle ler esta crença. A outra doutrina commum, assim como ler, escrever e artes liberaes, os mestres d'ellas são os mesmos sacerdotes nos proprios templos. Alli vão os meninos aprender estas coisas d'elles; assim como os mandamentos e ceremonias de sua religião aprendem na lingua da terra; e as coisas da sciencia ensinam em lingua antiga, que ácerca d'elles é como entre nós a lingua latina. Escrevem ao nosso modo, da mão esquerda para a direita, tem grandes livrarias, todas de mão, por não terem impressão, como os chins. Todo este reino, tirando as partes por que o confrontâmos com os outros povos, é de terras montuosas, de grandes arvoredos e alagadiços, quasi são limites de uns se demarcarem com outros; a mais terra d'elle é chã, e de campinas, principalmente aquella que vem regando o rio Menam, que



Palacio do rei de Sião

faz o reino mui abundoso de todas as sementes e mantimentos. A agricultura dos quaes a gente se dá mais que ao outro exercicio, e por esta causa é este reino pouco frequentado por via de commercio, que onde não ha mechanica não ha obras que os povos estranhos lhes vão comprar. E algumas mercadorias que tem, as quaes procedem do reino Chiamay, assim como prata, pedraria, almiscar, todas ellas vasam por este reino maritimo, e por Martabam, por a grande navegação que tem com a India, que lhes fica mais visinha por o mar de Bengala que por o de Sião.

Ha n'este reino oiro, prata e outros metaes, e d'elles se leva para as outras partes; verdade é que a prata lhes vem das serranias dos povos laos. Geralmente todo o sião é mui sujeito ao seu rei, porque todos vivem d'elle: e ninguem tem um palmo de terra que seja propria, toda é d'elle, ao modo que n'este reino de Portugal são os reguengos, que são as melhores empolas e comarcas da terra que os primeiros reis tomaram para si, em logar de patrimonio; e quem lavra na tal terra, paga a el-rei o quarto. Assim n'este reino de Sião tudo é reguengo, de que os lavradores pagam um tanto a el-rei, ou aos senhores a quem elle dá algumas terras para sua mantença. A repartição das quaes é por uma medida a que elles chamam *cem*, a qual contém em si vinte braças em quadrado; e seiscentos *cens* d'estes é uma medida itineraria por que medem os caminhos e distancias que ha de logar a logar, por a qual nós assentámos toda a geographia d'aquella região em as nossas taboas. E para que os vassallos se animem a servir seu rei, principalmente aquelles que servem na guerra, são seus serviços escriptos em livro, e em modo de chronica. Estes actos dos homens são lidos ante el-rei, assim para com a lembrança haverem egual premio de seu serviço, como para gloria de seu nome aos que d'elle descenderem; e todos são pagos n'estes rendimentos da terra, e a dão por annos, alguma em vida da pes-

soa, e nenhuma de juro. O qual modo não sómente usa com a gente nobre, mas ainda com os senhores que tem nome de oyas, que entre elles é o que ácerca de nós denotam duques, e d'ahi para baixo a outras dignidades. Mas os que del-rei tem de cidades e villas com jurisdicção ao nosso modo, não tem este dominio senão por annos, ou em sua vida, e todos com obrigação de o servirem na guerra com tanta gente de cavallo e de pé, e tantos elephantes. E porque a maior parte dos meritos, para haverem estas comedías, está no uso da guerra, ainda que estejam na paz, sempre se exercitam nos actos e manhas d'ella; e algumas festas que ha no anno, que el-rei muito celebra em a cidade Hodia, todas são ordenadas a este fim de os homens mostrarem suas habilidades nas armas. Uma d'estas festas se faz no rio Menam, onde se ajuntam mais de tres mil paráos, e parte-se este acto em dois, ao modo que os romanos faziam as suas naumachias: porque depois que tem curso de quem chegará primeiro a um posto á força de remo, entram na peleja de uns com outros. A festa da terra é de se encontrarem a cavallo, em elephantes, e a pé, de espada e escudo, uns com outros, e d'elles com alimarias feras, e alguns condemnados á morte são lançados a ellas; e se fica com victoria, além de ter vida, tem mercê del-rei. Finalmente todos seus exercicios são ordenados a este acto de guerra; e como sejam homens que se prezam d'ella, e cavalleiros de sua pessoa, e principalmente os das cidades Suruculoeo e Socotay, que são do reino Chaumúa, o mais da vida geralmente gastam em delicias e vicios».

Confere esta descripção com a que lemos na moderna viagem de M. Moubot, naturalista francez; e ainda mais com a de Mgr. Pallegroix [1], missionario da mesma nação, que viveu por muitos annos em Sião, e na intimidade do rei actual, Phra Bard Somdetch Pharamendr Maha Mongkut. D'aquelle missionario é a seguinte descripção do palacio real que desenha a nossa estampa.

O palacio do rei de Sião occupa um recinto amuralhado de muitos kilometros de circunferencia. O interior é todo lageado de marmore ou granito. Tem postos militares e bocas de fogo de distancia em distancia. Em volta ha grande numero de pequenos edificios, mui elegantes, todos ornatados de pinturas e doirados.

No meio do grande pateo ergue-se magestosamente o *Mahaprasat* de quatro fachadas, coberto de telhas envernizadas, rematando n'uma alta flecha doirada, e todo elle decorado por figuras magnificas. Ahi é que o soberano recebe os embaixadores; ahi se deposita o rei defuncto, n'uma urna de oiro, durante um anno, antes de se lhe queimar o corpo: e finalmente, a este pavilhão vem prégar os talapões (sacerdotes). A rainha e as outras mulheres alli ouvem estas prégações por detraz das cortinas.

A pouca distancia se levanta a grande sala cuja fachada representa a estampa, a qual é destinada para as audiencias diarias do rei, a que assistem mais de cem mandarins prostrados por terra. A cada porta estão duas estatuas gigantescas de granito da China: as paredes e columnas d'esta sala são ornadas de pinturas e doirados magnificos; o throno, que tem a fórma de altar, está debaixo de um docel de sete sobreceos.

Proximos d'esta sala ficam os aposentos do rei; e depois o palacio da rainha, e as casas das outras mulheres e damas de honor, com um vasto jardim, que dizem ser sumptuoso. Seguem-se os edificios onde estão os thesouros reaes, a saber: oiro, prata, diamantes, moveis e alfaias preciosas.

Ha tambem n'este vasto recinto um tribunal, um theatro, a bibliotheca real, immensos arsenaes, estrebarias para os cavallos de preço, e armazens de differentes generos. E finalmente um soberbo pagode, cujo pavimento é todo esteirado de prata, onde estão dois idolos ou estatuas de Budha; uma de oiro massiço, de 32 centimetros de alto; e a outra feita de uma só esmeralda, com 68 centimetros de altura, avaliada pelos inglezes em 200:000 piastras (meio milhão de cruzados).

Na Europa não se faz idéa da magnificencia dos pagodes reaes de Sião. Ha alguns que tem custado mais de duzentos quintaes de prata. Dentro da cidade de Bangkok, que é hoje a capital, contam-se onze, e nos arrabaldes vinte. O pagode *Xetuphon* encerra uma estatua de Budha dormindo, de altura de 50 metros [1], perfeitamente doirada; e no de Borovanivet se gastaram mais de 450 onças de oiro em folha, para as doiraduras sómente.

Um pagode real vem a ser um grande mosteiro, onde vivem quatrocentos a quinhentos talapões, com um milheiro de rapazes para os servirem. É uma quinta, ou antes um immenso jardim, no meio do qual se erguem muitos edificios, a saber: uma vintena de belvederes á chineza; muitas salas á beira de um rio; uma grande sala para prégação; dois templos magnificos, um para o idolo de Budha, e outro para as orações dos bonzos; duzentas ou trezentas casinhas, a maior parte de tijolo, para morada dos talapões; tanques; jardins; uma duzia de pyramides doiradas e revestidas de porcelana, tendo algumas 60 a 90 metros de altura; um sino; mastros com bandeiras recortadas em fórma de crocodilo; leões de granito e marmore; e nas extremidades do campo, canaes de alvenaria; telheiros para os escaleres; pontes, etc.; e tambem uma pyra para queimar os mortos.

Junte-se a isto, que nos templos tudo é refulgente de pinturas doiradas; e o idolo colossal é sempre de oiro recamado de pedraria.

Estas poucas linhas bastarão para se fazer idéa do que é um palacio e pagode real em Sião.

(Continua)

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 305)

CALÇADA DE CARRICHES, SENHOR ROUBADO, AMEIXOEIRA, POVOA DE SANTO ADRIÃO, MEALHADA, FRIELLAS, LOURES E ODIVELLAS

Regressando do Paço do Lumiar á estrada real, e proseguindo n'ella, desce-se a *Calçada de Carriches*, que é um logar de 24 fogos, e pouco mais de 90 moradores, comprehendidos na freguezia de S. João Baptista do Lumiar.

No fundo da calçada está uma hospedaria, que se ataviou com o pomposo titulo de *Nova Cintra*. Não quadra muito bem o titulo, quer ao sitio, quer ao estabelecimento, pois que o primeiro carece de belleza e de arte, e o segundo de mais attractivos e commodidades. Todavia ambos tem tido alguns melhoramentos, e podem ter muitos outros, que virão com o tempo, visto que lhes não falta a concurrencia do publico.

Pouco adiante da Nova Cintra, em sitio plano, ha um largo onde a estrada se divide em dois ramaes. O que segue direito conduz á Povoa de Santo Adrião, Mealhada, Loures, e outras terras dos arrabaldes de Lisboa, e depois a Torres Vedras. O da esquerda leva o viajante ao logar de Odivellas, e a varias outras aldeias.

[1] *Description du royaume Thai ou Siao*. Tem coisas que parecem copiadas de João de Barros.

[1] É a de que falla João de Barros.

Chama-se aquelle largo o *Senhor Roubado*, em razão de uma ermida que ahi existe intitulada o *Senhor Jesus Roubado*. Deu origem á ermida e á invocação o seguinte caso: No anno de 1671 commetteu-se um grande desacato na egreja parochial de Odivellas. Foi roubado o sacrario, e espalhadas pelo chão as sagradas particulas. Porém a pyxide que as continha foi achada no sitio onde se juntam as estradas de Odivellas e do Lumiar. Em memoria d'este successo, mas ao cabo de muitos annos (1744), um devoto, chamado Antonio dos Santos, mandou levantar um cruzeiro no proprio logar onde apparecêra o vaso sagrado. A lembrança de Antonio dos Santos excitou a devoção de outros fieis. Começaram pois estes a concorrer com esmolas para a fundação de um sanctuario, que em breve se erigiu, e por longos annos foi frequentado e festejado de romarias das povoações visinhas.

Á direita da *calçada de Carriches*, quasi defronte d'aquelle sanctuario, mas em um terreno muito alto, está uma aldeia notavel por algumas memorias antigas, pela salubridade dos ares, em que se avantaja ás terras mais salutares dos arredores de Lisboa, e finalmente pelas deliciosas vistas que desfructa em dilatadissimos horisontes. É o logar da *Ameixoeira*, que em parte se assenta no alto, em planicie, e parte na encosta do monte. Conta uns 60 fogos, e 190 almas, com uma egreja parochial consagrada ao Santissimo Sacramento e a Nossa Senhora da Encarnação.

Varios cippos com inscripções romanas, uma grande concavidade subterranea cheia de ossos, e muitas tulhas moiriscas, todas estas coisas descobertas em differentes epochas junto da Ameixoeira, attestam a remota origem d'esta provação. Duas d'aquellas inscripções, achadas no anno de 1720, uma n'um olival, e outra na azinhaga de Santa Suzana, proximo do logar, estavam gravadas em dois cippos de pedra, de oito palmos e meio de altura, e 4 de largura em cada uma das suas quatro faces. Diziam assim as inscripções:

D. M.
G: Julio Maximo
Cai: Nepoti Afri
Oratori
G: Julius Maximus
Ter Filio piissimo
D. C.

D. M.
Q. Julio Maximo
Gainerotiann
Oratori
O: Julius Maximus
Ter. Fifio Piissimo
I. C.

A concavidade com os ossos foi descoberta no anno de 1719, fazendo-se uma excavação em um olival situado na *Varzea da Ameixoeira*. Coincidindo com esta descoberta uma antiga tradição popular, segundo a qual houve n'aquella varzea uma batalha entre os romanos e os lusitanos, querem alguns escriptores nossos do seculo passado, que os ossos encontrados sejam dos soldados mortos n'essa peleja. Em assumptos taes, á falta de provas, não se póde passar de conjecturas. O que é certo é ser antiquissimo aquelle deposito mortuario, por quanto, tendo sido erigida em parochia no anno de 1535 a ermida de Nossa Senhora do Funchal, depois intitulada da Encarnação da Ameixoeira, a qual já existia no anno de 1500, nenhuma noticia havia áquelle respeito nos livros da freguezia, nem tradicionalmente.

As tulhas subterraneas, nas quaes os moiros costumavam guardar os cereaes e outros productos agricolas, foram achadas em diversas eras e situações. Descobriu-se o maior numero em um sitio contiguo á povoação, ao qual por esse motivo pozeram o nome de *Covas*, que ainda hoje permanece. Ha memoria de que os templarios, e depois d'elles os freires de Christo, seus successores, se serviram de algumas d'aquellas tulhas para deposito das frutas que recolhiam n'aquellas terras provenientes dos dizimos.

Na opinião de varios auctores nacionaes, que se dedicaram a investigações archeologicas, o logar da Ameixoeira tomou o nome de um moiro que o fundou, ou que foi senhor d'elle, e se chamava *Mixo*. O que parece fóra de duvida, seja a tradição verdadeira ou fabulosa, é que o nome d'aquelle logar era antigamente *Mixoeira*. Assim se encontra escripto nas obras antigas; e só nos livros do seculo XVII para cá se acha nomeado *Ameixoeira*.

A egreja parochial foi reedificada em 1664, concorrendo para esta obra o principe regente, depois rei D. Pedro II, e o conde de Vimioso, D. Miguel de Portugal, que era então juiz da confraria de Nossa Senhora.

A imagem de Nossa Senhora da Encarnação, que se venera no altar-mór, é de muita antiguidade. Presume-se que data do tempo dos godos, que provavelmente a esconderam, quando succedeu a invasão dos arabes, para a salvarem de ser queimada, como os invasores praticavam com todas as santas imagens pelas terras por onde iam entrando. Refere a lenda, que nas guerras da expulsão dos moiros, andando estes travados com os christãos em rijo combate no alto do monte, onde agora vemos a Ameixoeira, acharam os ultimos, quando já levavam de vencida o inimigo, uma grande imagem da Virgem, de seis palmos de altura, escondida entre os funchaes que cobriam parte d'aquelle monte.

Não se passaram muitos annos sem que se edificasse uma ermida no proprio logar do successo, onde foi recolhida e festejada a imagem com o titulo de *Nossa Senhora do Funchal* [1]. Esta ermida que commemora simultaneamente uma victoria dos portuguezes e o descobrimento da Senhora, é a que foi erigida em parochia no reinado de D. João III. Foi então reconstruida, e novamente reedificada durante a regencia do principe D. Pedro, depois rei segundo do nome, como acima dissemos. Parece que a mudança da invocação da Senhora teve principio, quando a sua ermida foi erecta em egreja parochial. Chamou-se então simplesmente egreja de Nossa Senhora da Encarnação, e em tempos muito posteriores accrescentou-se este titulo com o do Santissimo Sacramento. Os paineis que adornam esta egreja são obra do pincel de Bento Coelho da Silveira, um dos nossos melhores pintores do seculo XVII.

N'este logar da Ameixoeira edificou ha pouco o sr. Manuel Iglezias, grande proprietario e capitalista de Lisboa, uma bonita casa de campo com seu jardim.

Proseguindo na *Calçada de Carriches* pela estrada de Loures passa-se pela *Povoa de Santo Adrião*, e *Mealhada*. A primeira é um logar de uns 70 fogos com pouco mais de 250 moradores, e uma egreja parochial dedicada a Santo Adrião. A segunda é um logar de 95 fogos, com 300 e tantos habitantes, o qual pertence á freguezia de Santa Maria de Loures.

Proximo d'este logar, na encosta de um oiteiro, está o extincto convento do Espirito Santo, que foi dos religiosos arrabidos. Fundou-o Luiz de Castro dos Rios no anno de 1575. O edificio do convento e uma pequena cerca annexa são propriedade do sr. conde de Thomar.

[1] O Sanctuario Marianno diz que a imagem apparecêra em outro sitio, alguma coisa distante da egreja actual, porém julgâmos mais fundada a outra opinião.

A pouca distancia da estrada de Loures, para a direita, vê-se o logar de Friellas, assentado nas faldas de uns montes, e tendo na frente extensissimas campinas. Dista de Lisboa obra de 12 kilometros, e junto d'elle corre o rio que passa por Santo Antão do Tojal, e por Sacavem, onde se lança no Tejo, com o nome d'esta ultima terra, tendo tomado antes os nomes das povoações que banha. Friellas é uma pobre aldeia de 66 fogos, com 226 almas, e egreja parochial, cujo orago é S. Julião e Santa Basilica, e tão antiga, que já existia no anno de 1191, sendo bispo de Lisboa D. Sueiro Annes, que reservou para os seus successores esta egreja, que até então pertencia ao cabido da sé.

Fazemos menção d'este logar tão sómente por causa de uma noticia historica, que queremos deixar aqui consignada, e vem a ser a existencia de um paço real, onde foram assignadas algumas leis e outros documentos importantes por varios reis da dynastia *affonsina*. Cremos que foi el-rei D. Diniz o fundador d'este paço, não obstante haver quem o attribua a D. Affonso III. D'este soberano não temos encontrado documento algum datado do paço de Friellas, apesar de diligentes pesquizas que temos feito, em quanto que ha muitos de D. Diniz, e além d'isso sabe-se que foi este monarcha que, em 1313, erigiu n'aquelle paço uma capella consagrada a Santa Catharina, com capellão de missa quotidiana. Era uma pequena casa de campo para os exercicios da caça miuda, em que abundavam aquelles arredores. Habitaram por vezes no paço de Friellas, mas com demora de poucos dias, os reis D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando. Tendo sido incendiado pelos castelhanos nas guerras de D. Henrique II com el-rei D. Fernando, este ultimo fez doação d'elle, no anno de 1378, aos monges de S. Jeronymo, parece que com a idéa de servir para a fundação de um mosteiro da sua ordem, o que não chegou a verificar-se. Com o tempo e abandono arruinou-se completamente o edificio, e appropriaram os materiaes a outras construcções, de sorte que nada resta do antigo paço. Ha quasi dois seculos, fazendo-se uma excavação no local onde existiram, achou-se uma bella taça de marmore, e um pavimento de marmore de côres em xadrez.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

ORTHOPEDIA

Quando estudámos, na universidade de Coimbra, medicina operatoria, expoz-nos em uma brilhante lição, como todas as que costumava fazer a seus discipulos, o sr. dr. Francisco Fernandes da Costa, lente d'aquella cadeira, a doutrina orthopedica, mostrando-nos uma collecção de apparelhos orthopedicos, que, junto de outra de preciosissimos instrumentos cirurgicos, se guardava no respectivo gabinete.

Ficámos sabendo, desde então, os valiosos serviços que á humanidade podia prestar esta importantissima arte em alguns casos de conformação viciosa; nunca, porém, tivemos opportunidade de observar a sua utilidade pratica; porque, se bem nos recordâmos, no longo decurso de nossos exercicios clinicos nos hospitaes, não appareceu um só caso de deformidade a que se julgasse conveniente applicar esta ordem de agentes.

Parece que aos antigos devêra maior desvelo a cultura d'este ramo de medicina; maravilha-nos que por estes prestantes recursos haja havido tamanho desprezo, que aliás não se casa com os progressos da anatomia, physiologia e mechanica.

Estará ao presente, por ventura, mais aperfeiçoada entre nós a educação physica? Olhar-se-ha com maior cuidado pela observancia de uma bem regrada hygiene, n'aquella epocha da vida em que mais se recommenda, na infancia? Será agora, á conta de tal observancia, menor o numero de deformidades?

Afoitamente asseverâmos que não; e prouvéra a Deus que nos enganassemos.

Da educação physica da infancia cremos que fomos, em nosso paiz, o primeiro que expozemos em linguagem aphoristica e simples, como cumpria, as primeiras e mais essenciaes bases, na *Summula de Preceitos Hygienicos para uso dos alumnos das escholas de instrucção primaria*, de que publicámos a segunda edição o anno passado.

De quão avultado seja o numero de aleijões, vemos nós, todos os dias, lamentaveis provas n'esses bandos de *Quasimodos* repugnantes que por ahi vagueiam nas cidades; que nos campos são raros, por mui obvias razões, esses accidentes desgraçados.

Ora, se a observancia de uma prudente hygiene, prescrevendo adequados exercicios gymnasticos, é sem duvida o mais poderoso obstaculo á superveniencia das deformidades; e se, infelizmente, nem possuimos estabelecimentos publicos em que methodicamente se executem, nem nos collegios particulares de educação se lhes dá, como devêra, cabimento; como explicaremos a negligencia na applicação dos apparelhos orthopedicos, tanto mais necessaria quanto mais desprezados são aquelles exercicios?

Ignorâmos as causas de tal negligencia; occorrem-nos, todavia, dois motivos, que porventura a poderão explicar: a ignorancia das vantagens da orthopedia, e consequente descuido de sollicitar em tempo opportuno os seus soccorros; e a maior confiança dos facultativos em diversa ordem de recursos therapeuticos, isto é, em medicamentos que obrem, de um modo especial, sobre os systemas de que dependerem as deformidades.

E, na verdade, ninguem duvida que ha aleijões em cujo tratamento não é racional a applicação de apparelhos orthopedicos, em que são de todo o ponto excluidos.

E tambem é incontroverso que, em geral, sómente em tenra edade póde ser a sua applicação proficua, podendo dizer-se das crianças o que, sob outro respeito, dizia Virgilio:

> ... *adeo in teneris consuescere multum est.*
>
> Georg. II — v. 272.

Devem pois os paes de familias, quando tiverem a desgraça de o ser de filhos por qualquer modo disformes, recorrer a facultativos que cultivem com mór esmero esta especialidade, n'aquella primeira epocha, a fim de se tratarem convenientemente.

Poderão, então, discriminar melhor os casos em que seja necessaria a appplicação de apparelhos orthopedicos, ou de agentes pharmacologicos, se não convier a de ambos os generos, como acontecerá, talvez, em algumas occasiões.

E, n'este logar, permitta-se-nos que felicitemos o sr. Brilhante, pelos ensaios que n'este ramo de medicina operatoria tem emprehendido, vencendo alguns obstaculos.

Folgâmos de que para tal arte, tão esquecida e desprezada, convergisse a sua attenção; e mór prazer nos causa ainda a certeza de que hajam sido coroados de felizes successos os seus desvelos.

Vasto é o campo que se patenteia a seus olhos; cultive-o com solicitude, que para isso lhe reconhecemos engenho, e, o que mais importa, vontade firme e decidida. Não soçobre o animo tocado do vento das contrariedades, que n'esta nossa terra sopra sempre rijo contra os mais louvaveis empenhos.

R. de Gusmão.